

Nenhuma situação na cidade é igual à outra: rodovia, estrada, praça, beco: seja o que for. Pessoas também são diferentes: presidente, executivo, trabalhador, pedinte, empregado. Moradores, do mesmo jeito, são diferentes: donos de casa, moradores de aluguel, povo de rua, ocupantes de terrenos baldios.

Dentro da mesma categoria tem semelhanças e diferenças. Quando se trata de vias, numa um carro pode andar e numa outra isto é proibido. Quando se fala de moradia, tem pessoas que moram numa casa com quintal e outras que nem sequer conseguem plantar uma florzinha por falta de espaço. Tratando-se de condições de vida, tem pessoas que vivem com muito luxo e outras vivendo na maior miséria.

O tratamento pelas autoridades nem sempre é o mesmo quando se trata de pessoas de categorias diferentes. Veja como são tratadas as madames que tem (muito) dinheiro para gastar e moleques de rua que não têm dinheiro e por isso tentam roubar dos outros. No entanto são todos iguais perante a lei e todos merecem o mesmo tratamento e o mesmo respeito.

A gente percebe que isso 'nem sempre' acontece. Quando é para derrubar uma mansão de gente de bem, podem até passar anos, há conversas até no infinito, o preço é negociado até nos mínimos detalhes e todas as condições de mudar e/ou derrubar são colocadas num documento oficial e final. Esta resistência pode impedir a execução de um projeto durante vários anos. Exemplos são os viadutos de Jaraguá e de Perus, bem pertinho da nossa porta.

Tem outras pessoas que nem são consultadas enquanto se trata de um assunto de interesse delas. Será que houve negociação com os moradores e usuários da chamada 'cracolândia' perto da estação da Luz? Será que foi tentado para levar estas pessoas para outras áreas? Será que estas poderiam dar uma opinião com relação à própria vida? Duvido. E com muita certeza afirmo que não houve nada disso, também não com grupos que ainda, de uma ou de outra maneira, trabalham com estes moradores de rua para pelo menos ouvir 'alguma coisa' a favor desta gente. Efeito internet: lixo, jogue fora, exclua, livre-se deste pessoal e não precise-se perguntar em que parte do espaço eles ficam.

No nosso setor não temos (ainda) uma 'cracolândia', mas tem lugares com uma certa semelhança. Aglomeram-se pessoas com ou sem moradia, maltrapilhas, com cheiro forte de falta de banho, barba para fazer, na boca um dente e meio, usuários de droga, pingüços. Mas são gente e querem ser tratadas como tal. E como foram tratadas? Até há algum tempo algumas delas ficaram no coreto da praça Inácia Dias, para baixo da estação de Perus. Não foi um exemplo de beleza e de bom comportamento, mas também nunca ninguém ofereceu um bom lugar para morar para estes moradores de rua: nem a Prefeitura (a ortografia manda escrever com letra maiúscula), nem nenhuma igreja, nem polícia, nem ONG, nem comércio, nem nada e ninguém. De repente chega a Prefeitura (continua com letra maiúscula), começa a plantar árvores e derruba sem mais sem menos o coreto. Um lugar a menos para eles ficar ou dormir ou jogar baralho ou juntar uns lixos para vender. Foi consultado alguém? Foi oferecida uma alternativa? Houve uma tentativa de mudar esta situação? Duvido. E aqui vem o efeito 'cracolândia': o que não se pode mais fazer num determinado lugar, se faz em diversos lugares, ou seja a mesma bagunça, a mesma sujeira, o mesmo mau cheiro, a mesma droga em diversos lugares em volta. Com a expulsão da 'cracolândia' ninguém não ganhou nada: a maneira de viver se espalhou pela cidade. Com a expulsão dos 'coreteiros' também ninguém não ganhou nada apesar das aparências, pois não estão mais lá, mas estão num outro lugar. Não evaporaram.

Fica a grande pergunta à Prefeitura (viva a ortografia!) e a todas as outras organizações, grandes e pequenas. Qual é a nossa política com relação a situações de emergência? O que nós queremos fazer em momentos e situações de conflito? Qual é o valor que nós damos a pessoas que não conseguem o mesmo nível social que nós temos? Como nós vemos estas pessoas: gente sem valor, gente descartável, gente para excluir, gente para jogar fora, gente para se desfazer?

Diz-se: um rato bom é um rato morto. Que não tenhamos o mesmo pensamento quando se trata de pessoas humanas.

Matheus Vroemen

Apoio de: Centro Carlos Alberto Pazzini de Direitos Humanos
Associação dos Aposentados
Movimento de Saúde